

## LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

### ENTREVISTA COM O PRÓ-REITOR DO INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA

Jancarlos Menezes Lapa - jancarloslapa@ifba.edu.br

Francisco Vanderlei Ferreira da Costa<sup>106</sup> - franciscovandof@gmail.com

Márcia Maria e Silva<sup>107</sup> - marciamaria@id.uff.br

#### Resumo

Jancarlos Menezes Lapa é Pró-Reitor de Ensino do Instituto Federal da Bahia (IFBA). Assumiu essa função em plena pandemia, no ano de 2021. Entre as frentes de trabalho inerentes à sua função, tem se dedicado a conhecer as especificidades da Licenciatura Intercultural Indígena, a identificar as demandas das comunidades indígenas e os caminhos para ampliação da oferta de vagas. Nesta entrevista aos professores Francisco Vanderlei Ferreira da Costa e Márcia Maria e Silva, ele explica a estrutura na qual se insere o curso, além dos desafios e aprendizados que a pandemia tem trazido para professores e estudantes. Por meio de uma historicização do processo de implantação e manutenção do curso, o gestor esclarece a interlocução que o IFBA mantém com os povos indígenas, trazendo mais detalhes da interação com as comunidades que vivem no sul da Bahia, região que abriga mais de cinquenta por cento da população indígena do estado.

**Palavras-chave:** Formação de professores indígenas. Pandemia. Interculturalidade. Licenciatura Intercultural Indígena.

#### Abstract

Jancarlos Menezes Lapa is Pro-Rector of Teaching at the Federal Institute of Education, Science, and Technology of Bahia (IFBA). He assumed the Pro-Rectorship of the IFBA in the middle of 2021. Among the work fronts inherent to his function, he has dedicated himself to getting to know the specificities of the Intercultural Indigenous Undergraduate, identifying the demands of the indigenous communities, and the ways to expand the offer for students place. In this interview with professors Dr. Francisco Vanderlei Ferreira da Costa and Dr. Márcia Maria e Silva, he explains the structure in which the course is inserted, besides the challenges and learning that the pandemic has brought to teachers and students. Through a historicization of the process of implementation and maintenance of the Undergraduate course, the Pro-Rector clarifies the interlocution that IFBA maintains with indigenous peoples, bringing more details of the interaction with the communities that live in southern Bahia. This region is home to more than fifty percent of the state's indigenous population.

**Keywords:** Indigenous teacher training. Pandemic. Interculturality. Intercultural Indigenous Undergraduate.

---

<sup>106</sup> Doutor em Linguística, Professor e coordenador da Licenciatura Intercultural Indígena – IFBA, integrante do grupo Gestor do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe).

<sup>107</sup> Doutora em Educação, Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – UFF, integrante do grupo Gestor do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (OIIIPe)/Associação Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica (AIIIPe).

## Resumen

Jancarlos Menezes Lapa es decano del Instituto Federal de la Bahía (IFBA). Asumió esta función en el Instituto Federal de la Bahía en plena pandemia en el año 2021. Entre los frentes de trabajo inherentes a sus funciones, se ha dedicado a informarse sobre las particularidades de la Licenciatura Intercultural Indígena. Ha procurado conocer las necesidades de las comunidades indígenas y los caminos para aumentar la oferta de vagas de la carrera. En esta entrevista concedida a los profesores Francisco Vanderlei da Costa y Marcia Maria e Silva, él explica la estructura en la cual el curso se encuentra inserido, ademais de sus desafíos. Habla también sobre aprendizaje que lá pandemia ha traído tanto a los profesores quanto a los estudiantes. Por medio de una historización del proceso de implantación y mantenimiento del curso, el gestor esclarece la interlocución que el IFBA mantiene con las comunidades indígenas que viven en el sur de la Bahía. Esta región abriga más del 50 por ciento de la población indígena del estado.

**Palabras clave:** Formación de profesores indígenas. Pandemia. Interculturalidad. Licenciatura Intercultural Indígena.

## Apresentação

Jancarlos Menezes Lapa é Pró-Reitor de Ensino do Instituto Federal da Bahia (IFBA). É Doutor e Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pelo IFBA. Em sua trajetória de mais de 10 anos como professor do Instituto, esteve à frente de vários Programas, dentre os quais: Coordenação Acadêmica Local do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, polo Salvador (2019); Coordenação Institucional do Programa de Residência Pedagógica; Gestão de Processos Educacionais do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (2014-2018); Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (2020) e mais recentemente Pró-Reitor de Ensino.

Essa instituição oferta a Licenciatura Intercultural Indígena. Trata-se de um curso muito específico, que carrega em seu DNA conceitos como Interculturalidade, Inclusão e Inovação Pedagógica, categorias imanentes à referida rede. A partir de sua larga experiência de gestão e de ensino, vislumbramos a possibilidade de esclarecimentos que tendem a contribuir em muito com as práticas docentes que estão sendo adotadas país afora.

O IFBA é uma, entre 21 instituições, que oferece curso de Licenciatura no Brasil voltado para comunidades indígenas. Considerando que a Bahia concentra um número significativo de etnias, 22, e que os primeiros e, até o momento, únicos cursos de formação de professores indígenas em nível superior foram criados em 2009 na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e no IFBA, constata-se que a proposta de educação intercultural



indígena é uma iniciativa ainda recente. A educação indígena requer que seja respeitado o seu modo de vida, de se relacionar com o seu território, com a sua cultura, com os seus modos específicos de aprender e ensinar. Nesse sentido, é importante que os professores e gestores das escolas de educação básica sejam indígenas, o que justifica a demanda da ampliação de cursos de formação superior de educadores para essa especificidade.

O IFBA, no momento, forma professores para o Ensino Fundamental II e Médio da Educação Básica. Segue na luta para ampliação da oferta de formação para atender a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. A formação em licenciatura intercultural deve considerar as características próprias das comunidades indígenas, suas maneiras de interagir com seus pares e com a comunidade envolvente, isto é, interagir com toda comunidade não indígena que está em contato com a comunidade indígena.

A perspectiva de 'protagonismo' indica como deve acontecer a participação das comunidades indígenas na construção do curso. Espera-se que os indígenas ocupem a centralidade nas tomadas de decisão. Nesse sentido, a licenciatura intercultural exerce um papel de grande importância na garantia dos direitos dos povos originários à educação formal, que reconheça e valorize suas práticas culturais e identitárias, rompendo, assim, com a hegemonia brancocentrada das políticas de educação que ainda não admitem a coexistência de diferentes saberes e cosmovisões na escola e na sociedade.

A Licenciatura Indígena no IFBA iniciou suas atividades no ano de 2010. O Projeto Político-Pedagógico (PPP) apresenta uma estrutura bastante específica: aulas em sistema de alternância. Essas acontecem em 3 tempos (tempo campus, tempo comunidade, tempo intermediário) nomeados a partir da função dos períodos das atividades. No primeiro, os estudantes se deslocam das aldeias para a sede do Instituto na cidade de Porto Seguro. No segundo, os professores do IFBA se deslocam para as comunidades indígenas. No terceiro, os estudantes indígenas vivenciam as práticas de ensino a partir das orientações de estudo realizadas na sede.

O PPP, orientado pela legislação brasileira, firma a necessidade de que os centros de formação de professores correspondam às especificidades da educação escolar indígena. Trata-se de um curso voltado para atender uma demanda específica, com participação efetiva dos grupos sociais a que se dirigem. Essa constatação revela uma maneira de construir a educação a partir dos movimentos sociais e dos grupos étnicos. Esta é

certamente outra forma de organizar a educação. Abandona-se a formação a partir dos debates internos das universidades e dos institutos e se volta para acolher demandas e construir cursos que tenham formatos diferentes.

A estrutura curricular também é outra, com formações mais amplas e menos centralizadoras. O curso oferece três áreas de formação. Nos primeiros dois anos, os estudantes frequentam os mesmos componentes curriculares independentemente da área de formação escolhida. As áreas nomeadas no projeto são Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Matemática, Linguagens. Nos últimos dois anos na licenciatura, mergulham nos conteúdos de formação de uma das três áreas ofertadas. Recebem, com isso, uma formação geral e para todos. Depois vão para uma formação menos geral, já que se formam em áreas e não em disciplinas. Trata-se, portanto, de uma formação muito mais diversificada.

Os professores entrevistadores Francisco Vanderlei Ferreira da Costa (IFBA) e Márcia Maria e Silva (UFF) são integrantes do grupo gestor (2019-2022) de uma rede internacional de pesquisadores das temáticas de inclusão, interculturalidade e inovação pedagógica. Criada em 2015, essa rede chega a 2021 com 26 Instituições de Educação Superior (IES) localizadas em sete países – Portugal, Espanha, Cabo Verde, Chile, México, Bolívia e Brasil. Seu propósito é dialogar a partir de diferentes epistemologias, de práticas culturais plurais, de processos educativos transformadores, em rede colaborativa, além de contribuir para a formação de profissionais da Educação orientados pelas 3 referidas temáticas, em interação com comunidades tradicionais, movimentos sociais e outros grupos e coletivos dentro e fora das IES.

As particularidades da Licenciatura Intercultural Indígena despertaram o interesse por mais detalhes sobre os desafios do curso e sobre os obstáculos que surgiram neste período de pandemia. Em 2020, a Pró-Reitoria de Ensino do IFBA participou de um encontro virtual organizado por essa rede de pesquisadores com o objetivo de compartilhamento das experiências das diferentes instituições integradas a respeito dos desafios e possibilidades da gestão, da docência e da discência, durante a pandemia.

Confirmado o quadro pandêmico da Covid 19, as IES se viram diante do desafio de adequar-se ao que passou a ser nomeado de ensino remoto. Considerando as especificidades culturais dos indígenas e o perfil didático-pedagógico da formação no IFBA, os desafios se mostraram ainda maiores. Partindo da intensa mobilização que a pandemia

provocou em relação ao desenho das aulas e demais atividades acadêmicas, a entrevista busca apresentar e analisar a educação superior indígena no IFBA, sua proposta, seus desafios e alcances, identificando as suas contribuições para a inclusão social dos povos originários do Sul e extremo sul da Bahia.

**Entrevistadores** – Professor, desde março de 2020, as Instituições de Educação Superior vêm enfrentando o desafio de redimensionar as atividades acadêmicas em função da pandemia da Covid 19. O IFBA oferece o curso de Licenciatura Intercultural Indígena. Esta graduação possui especificidades que, nesse contexto de crise sanitária, torna os desafios ainda maiores. Quais têm sido os encaminhamentos adotados para este curso acontecer mesmo durante a Pandemia?

**Jancarlos Menezes Lapa** – A crise pandêmica impôs desafios a todos os setores da sociedade. Em especial, as instituições de ensino tiveram suas atividades impactadas por esse fato. Para o enfrentamento dessa crise, foi elaborado um plano de contingência institucional, de caráter emergencial, que culminou com a Resolução CONSUP/IFBA<sup>108</sup> nº 19/2020, alterada pela Resolução nº 30/2020, que implementaram as Atividades de Ensino Não Presenciais (AENPEs). De um modo geral, tais atividades têm seu caráter flexível, no intuito de adaptação das ações acadêmicas, diante do enfrentamento da Pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19.

**Entrevistadores** – O IFBA faz parte de um grupo ainda pequeno de IES brasileiras que oferecem licenciatura diferenciada para povos indígenas. Sabemos das muitas lutas travadas pelas comunidades tradicionais para garantia de seus direitos. O protagonismo desses grupos é um fato. O senhor pode nos apresentar o contexto social que tornou possível a criação do curso? Como o IFBA participou desse movimento? E, ainda, como foi o protagonismo dos indígenas nessa implantação?

**Jancarlos Menezes Lapa** – Desde sua criação com a Lei 11.892/2008, os Institutos Federais passam por um processo de expansão jamais visto na rede federal de Educação Profissional e Tecnológica. No caso do IFBA, migramos de 04 *campi* (os mais antigos) para um total de 22 *campi* em funcionamento, mais 02 *campi* construídos esperando iniciar, juntamente com

---

<sup>108</sup> Conselho Superior do IFBA, órgão consultivo e deliberativo da instituição.

mais 06 Centros Tecnológicos de Referência, além de dois *campi* avançados. Tais unidades possibilitaram ao IFBA adentrar nos mais diversos territórios de identidade localizados no estado da Bahia. Em especial, o *campus* do IFBA Porto Seguro, situado no Território da Costa do Descobrimento, trabalha com importantes populações indígenas de etnia Pataxó, Pataxó Hãhãhãe e Tupinambá. Nesse sentido, a missão institucional é “promover a formação do cidadão histórico-crítico, oferecendo ensino, pesquisa e extensão com qualidade socialmente referenciada, objetivando o desenvolvimento sustentável do país” (PPI<sup>109</sup>, 2013) e encaminhar para a oferta de educação pública de qualidade para as comunidades em seu entorno. Assim, a Licenciatura Indígena desenvolve um importante papel de valorização, preservação e diálogo intercultural local. Certamente, essa conquista é o resultado da aliança firmada entre o IFBA e as comunidades tradicionais que representam tais grupos. Não por acaso, a concepção do Projeto Pedagógico garante o protagonismo da participação dos indígenas na graduação. O bom andamento da Licenciatura Intercultural é potencializado pela parceria da equipe técnico-pedagógica, passando pelo corpo docente e pelos espaços das aldeias indígenas. Isto é favorecido pelo regime de alternância praticado e pelo espírito colaborativo dos atores do curso.

**Entrevistadores** – As políticas de acesso e de permanência praticadas pelas instituições públicas federais buscam incluir estudantes em condições de vulnerabilidade social. Como se configura o quadro de evasão, retenção e permanência nos últimos anos, em especial no período que compreende a pandemia?

**Jancarlos Menezes Lapa** – As políticas de acesso, permanência e êxito se traduzem em um conjunto de ações desenvolvidas por vários segmentos do Ensino, Pesquisa e Extensão da instituição. Desde os programas da Assistência Estudantil, Bolsa Permanência, Programas Universais bem como outros programas de fomento, convergem para a manutenção dos estudantes nos cursos do IFBA. Além disso, desde o início de 2020, foi implementada uma Diretoria Sistêmica de Políticas Afirmativas e Assuntos Estudantis (DPAAE) para atuar diretamente na implantação de tais políticas. Entretanto, tais iniciativas foram afetadas diretamente pela Pandemia, acompanhadas pelo corte nocivo de gastos com a educação brasileira, fruto das políticas públicas dirigidas pelo governo federal, iniciadas ainda antes da

---

<sup>109</sup> Projeto Pedagógico Institucional do IFBA

Pandemia, por conta do golpe de 2016. Certamente, esses impactos geram o aumento do índice de evasão e retenção de nossos cursos. Os detalhes desses dados estão dispostos nos relatórios anuais de autoavaliação enviados ao E-MEC pela Comissão Permanente de Autoavaliação. De modo geral, esses dados são enviados pelas coordenações dos cursos e pelos setores de Registros Acadêmicos dos Campi. De posse desses dados, o enfrentamento dos problemas identificados deve se constituir em uma ação conjunta que se inicia no Colegiado do Curso e em seu respectivo Núcleo Docente Estruturante, passando pela Direção Geral do Campus até chegar nas Pró-Reitorias e Diretorias Sistêmicas, conforme a natureza dos problemas.

**Entrevistadores** – Há estratégias específicas para enfrentamento dos problemas identificados, considerando a perspectiva intercultural inerente ao referido curso?

**Jancarlos Menezes Lapa** – Certamente a Licenciatura Intercultural Indígena é um grande desafio para qualquer instituição, pois não se trata de apenas aprovar o Projeto Pedagógico do curso e colocá-lo para funcionar. Em um curso dessa natureza, é fundamental criar as condições necessárias para seu funcionamento pleno. Isso perpassa pelo próprio processo de autoavaliação do curso, que encaminhará as demandas identificadas para as instâncias competentes, desde o *campus* que abriga o curso até as Pró-Reitorias envolvidas. No caso da PROEN<sup>110</sup>, por exemplo, os programas de permanência e êxito oferecidos contribuem significativamente para manutenção do curso, tais como o Bolsa Permanência, o PET<sup>111</sup>, o PIBID<sup>112</sup>, a Residência Pedagógica. Além disso, o IFBA conta com um Comitê Gestor das Licenciaturas, onde são pautados os problemas identificados pelas coordenações dos cursos. Embora seja um espaço pouco frequentado pelas coordenações dos cursos de Licenciatura, esse é um espaço legítimo, para articulação da oferta da formação de professores na instituição.

**Entrevistadores** – Como a Pró-Reitoria se reestruturou para atender as especificidades da Licenciatura Intercultural Indígena? Quais demandas chegaram à Pró-Reitoria, nesse sentido?

---

<sup>110</sup> Pró-Reitoria de Ensino.

<sup>111</sup> Programa de Educação Tutorial

<sup>112</sup> Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

**Jancarlos Menezes Lapa** – A Pró-Reitoria conta com um Departamento de Ensino Superior que cuida dos cursos de graduação do IFBA. Como dito anteriormente, e em assessoria à PROEN, há um Comitê Gestor das Licenciaturas, que se configura como um espaço de interlocução entre as coordenações dos cursos de Licenciatura da Instituição, e que tem a função de contribuir com o desenvolvimento dos cursos. Mais recentemente, foi encaminhada para apreciação do CONSEPE<sup>113</sup>, um documento contendo a Política de Formação de Professores do IFBA. Ainda dentro da PROEN, há uma coordenação de Projetos que cuida dos programas, dentre os quais, a Licenciatura Intercultural Indígena participa em quase sua totalidade, (Bolsa Permanência, PET, PIBID, Residência Pedagógica). De um modo geral, a PROEN tem atendido às demandas encaminhadas.

**Entrevistadores** – Qual o perfil dos estudantes que ingressam no curso de Licenciatura Intercultural Indígena? Quantas e quais etnias integram o corpo discente?

**Jancarlos Menezes Lapa** – O Projeto Pedagógico do Curso prevê a entrada de candidatos entre Docentes indígenas em exercício, egressos do Magistério Indígena, Indígenas egressos do Ensino Médio e gestores e técnicos (indígenas) da educação que trabalham em escolas indígenas. As etnias locais atendidas pela região são a Pataxó, a Pataxó Hãhãhãe e a Tupinambá, o que corresponde a um total aproximado de pouco mais de 50% da população indígena do Estado. A criação de novos projetos de ampliação pode ocorrer em função dos planejamentos encaminhados por outros *campi* pertencentes a outros territórios ou mesmo em potenciais ofertas colaborativas entre *campi*, e/ou mesmo, interinstitucionais, conforme seus planos de expansão.

**Entrevistadores** – Esse quantitativo corresponde à integralidade das etnias no Estado da Bahia?

**Jancarlos Menezes Lapa** – Não. A Bahia é um estado de grandes dimensões, além de possuir historicamente um vasto espectro de etnias indígenas, elas estão distribuídas em vários territórios, e mesmo o IFBA sendo uma instituição com atuação em 25 municípios, apenas um de seus *campi* tem a oferta de um curso de natureza intercultural.

<sup>113</sup> Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.



**Entrevistadores** – As comunidades indígenas se aproximam do Instituto e apresentam suas expectativas? Há projeções de ampliação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena, tanto no sentido de atender aos pleitos dos povos indígenas quanto no de ofertar mais vagas e de ampliar as áreas de formação?

**Jancarlos Menezes Lapa** – Em um primeiro plano, a aproximação das comunidades indígenas acontece em nível de campus/comunidade. Mais recentemente, em conversa com a coordenação atual do curso de Licenciatura Indígena, foi levantada a demanda de ampliação da oferta, dentro de uma perspectiva de criação de um Centro Intercultural, a partir da multicampia institucional. Essa possibilidade está sendo estudada conjuntamente com a Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional (PRODIN).

**Entrevistadores** – Qual sua visão sobre o impacto da Licenciatura Intercultural Indígena na vida dos egressos, tanto no que diz respeito à inserção profissional quanto aos demais aspectos da luta política e social que eles vivenciam?

**Jancarlos Menezes Lapa** – A licenciatura Indígena se propõe a formar professores indígenas em Licenciatura Plena, com enfoque intercultural, para lecionar nas escolas indígenas localizadas em aldeias e reservas indígenas. Por si só esse objetivo já representa um impacto social importante dentro das localidades onde ela se apresenta, uma vez que é elaborada com a participação da comunidade indígena e adequada ao mundo que a circunda. De modo geral, o curso atende ao Programa de Formação Superior e Licenciatura Indígena – PROLIND, contribuindo para a consolidação das diversas aldeias indígenas localizadas no Sul da Bahia, e para o acesso à formação superior aos profissionais envolvidos com a educação escolar indígena. Esse perfil colabora com a formação do sujeito político, pois parte do princípio de que o professor formado, além de lecionar na comunidade, é a própria comunidade. Nesse sentido, compete a ele perfazer suas ações a partir de um contexto educacional próprio, com perspectivas de melhorias sociais de toda comunidade.

**Entrevistadores** – Os programas PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), Residência Pedagógica e Saberes Indígenas, praticados pelo IFBA, têm contribuído para a ampliação da integração do curso com as escolas indígenas?

**Jancarlos Menezes Lapa** – Desde 2010, o IFBA já participa dos programas da Iniciação à Docência promovidos pela CAPES e outros órgãos de fomento em seus cursos de Licenciatura. Tais programas representam muito no que tange à permanência e ao êxito dos licenciandos. Desde então, a Licenciatura Indígena era participante de um programa especial, denominado PIBID Diversidade, que teve o programa cancelado pela CAPES no ano de 2018. Para mitigar os efeitos do final do programa, a Licenciatura Indígena passou a integrar o programa do PIBID regular, juntamente com as outras licenciaturas. Não tenho dúvida de que esses programas têm uma contribuição fundamental na articulação entre a Academia (IFBA) e a Educação Indígena, além de se constituírem em uma importante ação de permanência e êxito. Mais recentemente, no ano de 2020, o IFBA implantou seus primeiros programas de PIBID, Residência Pedagógica e PIBIC/Afirmativo, todos com recursos do próprio custeio, em um cenário de cortes orçamentários perversos. O Programa de Residência Pedagógica (RP), por exemplo, tem contribuído bastante com o desenvolvimento da prática profissional dos estudantes da licenciatura. A carga horária de 440h previstas na RP superam as 420 horas de estágio do PPP. Isso representa um incremento importante nas práticas de ensino, necessárias à formação de professores, além de ser um importante canal de inserção profissional. Já o programa Ação Saberes Indígenas na Escola representa uma iniciativa local, de grande impacto que se propõe a ofertar formação continuada de professores e produzir materiais didáticos para atender a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, com o uso da língua indígena dentro de temáticas tais como Alfabetização e Letramento em Língua Portuguesa; Alfabetização e Letramento em Língua Indígena; Artes e Saberes Indígenas; Alfabetização Científica; História, Geografia e Etnomatemática nas Comunidades Indígenas.

**Entrevistadores** – A rede internacional de pesquisadores de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica tem como “missão desenvolver atividades de pesquisa, ensino e extensão, em rede colaborativa com os propósitos de produzir conhecimentos e práticas críticas, transformadoras no campo temático e formar profissionais da educação orientados por princípios de inclusão, interculturalidade e inovação pedagógica. Além disso, busca dialogar com saberes construídos por comunidades tradicionais, movimentos sociais e outros grupos que não estão dentro das instituições, mas também produzem práticas inovadoras e emancipatórias”. O senhor considera que os objetivos da Licenciatura

Intercultural Indígena compreendem uma educação inclusiva e inovadora? Qual o seu ponto de vista sobre a missão do OIIIPe, considerando os objetivos e o papel da Licenciatura Intercultural Indígena no estado da Bahia e em todo o Brasil?

**Jancarlos Menezes Lapa** – Penso que o simples fato de termos um curso de licenciatura com participantes da própria comunidade, não só no seu público-alvo, mas também em seu corpo técnico pedagógico, bem como a realização de aulas, em regime de alternância entre as instalações do IFBA e o ambiente das aldeias, confere ao curso suas características inclusivas e inovadoras. De outro lado, um curso dessa natureza, certamente, deve trazer aprendizados importantes para todo o ciclo acadêmico, no que tange a uma oferta intercultural, configurando-se, portanto, um importante espaço de desenvolvimento institucional. Nesse sentido, tais experiências precisam ser compartilhadas e apoiadas por iniciativas tais como a do Observatório Internacional de Inclusão, Interculturalidade e Inovação Pedagógica, na perspectiva do diálogo dos saberes produzidos por essas comunidades tradicionais. Em sua essência, o caráter inovador da Licenciatura se traduz no fato do curso ser feito na comunidade, pela comunidade e para a comunidade indígena, potencializando sua interculturalidade. Certamente, isso não seria possível, se não houvesse um duplo movimento concretizado pelos interlocutores do processo. De um lado os professores indígenas que atuam no curso, e do outro o corpo técnico-pedagógico, tão bem representado pelo coordenador do curso, professor Francisco Costa. Esse deslocamento bilateral, contribui significativamente para a colaboração e para indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, em um curso dessa natureza.

**Entrevistadores** – Quais considerações finais o senhor poderia dirigir aos profissionais de educação superior sobre o papel social da Licenciatura Intercultural Indígena neste momento de pandemia?

**Jancarlos Menezes Lapa** – A pandemia tem nos revelado importantes aspectos da vida acadêmica. Muito além do abismo tecnológico em que estamos imersos frente ao ensino remoto, a crise pandêmica nos levou a nos olhar no espelho e perceber o quanto precisamos reconhecer no outro, a possibilidade de compartilhar, de ajudar e acima de tudo de nos reinventar. Mesmo diante de perdas irreparáveis, de recursos cada vez mais escassos, a grande lição que a pandemia nos deixa é que a Educação Plena nunca foi tão almejada por

uma nação, que dorme e acorda tensa, esperando o próximo absurdo noticiado pelos meios de comunicação. Nesse sentido, me dirijo aos profissionais de educação superior dentre outros, rogando a ele(a)s que se mantenham firmes em suas salas presenciais/virtuais na reconstrução de um país que precisa ser EDUCADO. O mais emblemático disso tudo, foi um vírus ter saído de tão longe para nos dar essa aula.

Data do envio: 02/09/2021  
Data do aceite: 02/11/2021.